

AS CONTRIBUIÇÕES DA MUSICALIDADE E DA LUDICIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andrea Cristina do Nascimento Monteiro ¹

Aline de Souza Silva ²

Profa. Dra. Roberia Nádia Araújo Nascimento ³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar, discutir e refletir sobre o uso da música de forma lúdica, as formas de aprendizagem facilitando o processo de alfabetização na Educação Infantil. Para o desenvolvimento metodológico proposto assumiu-se a pesquisa bibliográfica, tendo como embasamento teórico os autores, Lima (2012), mostrando a musicalidade como contribuinte no desenvolvimento integral do ser, incluindo aspectos culturais, sociais e motores, Lopes e Oliveira (2020). A música tem que estar presente nas atividades em que as crianças irão fazer, através de jogos, danças e outras atividades lúdicas e Freinet (2004), potencializa o fazer pedagógico a partir da ludicidade e Freire (1989) explica que “[...] aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto. Atividades lúdicas com o uso da música são importantes porque desenvolvem a coordenação motora, memória, socialização e são fatores que colaboram no processo de aquisição de leitura e escrita, alfabetizar crianças trata-se do ensiná-las a ler e escrever, bem como orientá-las para que saibam interpretar e refletir sobre aquilo que estão escrevendo ou lendo. Portanto, a música se tornou uma ponte entre a linguagem corporal verbal, oral e escrita e assim aliada ao professor no processo de ensino aprendizagem principalmente no período de alfabetização e sobretudo no que diz respeito a alfabetização de crianças na educação infantil, ou seja, nas fases iniciais.

Palavras-chave: musicalidade, ludicidade, educação infantil, alfabetização

INTRODUÇÃO

Este Artigo Científico, tem como objetivo as concepções dos professores sobre o lúdico na prática pedagógica, considerado como atividade indispensável no processo de ensino e aprendizagem.

Sabe-se que no desenvolvimento da criança, o processo de aprendizagem pode ser mais prazeroso e enriquecedor quando as atividades envolvem jogos e brincadeiras.

¹ Mestranda do Curso de formação de professores da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, andreamonteiro447@yahoo.com;

² Mestranda do Curso de formação de professores da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, andreamonteiro447@yahoo.com;

³ Professor orientador: Doutora, Mestrado formação de professores - UEPB, rnadia81@gmail.com

Para que essas atividades tenham possibilidades de sucesso, ou educadores deverão se conscientizar e abrir espaço para desenvolvê-las como prática pedagógica através do lúdico.

Quando se fala em lúdico, a maioria das pessoas pensam logo nos jogos, mas apesar de tão conhecido e lembrados, convém afirmar de início o seu conceito: jogo é uma forma de comportamento recreativo, que tende a seguir um padrão em geral formando ou partilhado por vários indivíduos.

A utilização de jogos e brincadeiras é primordial, pois além de permitir a interação do grupo oferece oportunidade de um crescimento conjunto, trabalha as diferenças individuais e o respeito de cada uma das crianças.

O lúdico se bem trabalhado desenvolve o espírito de cooperação, de participação e de respeito ao próximo, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças inteligentes, felizes e saudáveis.

Quando a ludicidade penetra na sala de aula ela vai muito além de uma sala, é eficaz a ideia de que a criança aprende brincando vem crescendo cada vez mais no processo ensino-aprendizagem nas escolas. Os jogos e brincadeiras como atividades pedagógicas vêm ganhando espaço na área educacional, cuja influência na vida da criança é inegável e pela sedução de que sobre ela exercem pelo prazer que podem proporcionar e também por ser uma atividade fundamental para o desenvolvimento intelectual, cognitivo onde estão as operações lógica-matemática.

O educador tem também a tarefa de colaborar, na formação de cidadãos críticos, sensíveis do seu papel para o sucesso da criança.

Refletir sobre jogos e brincadeiras como subsídios para um planejamento de atividades enriquecedoras na educação infantil é o nosso propósito neste trabalho, visando transformar a sala de aula num ambiente aprazível, descontraído, alegre que possa gerar a liberdade no interior da criança.

A LUDICIDADE NO CONTEXTO HISTÓRICO

Numa visão histórica sobre as atividades lúdicas referentes aos brinquedos, aos jogos e brincadeiras na sua função educativa, não são encontradas muitas referências bibliográficas de como as crianças brasileiras, ou mesmo os ocidentais praticavam essas

atividades, pois até mesmo os psicólogos desconhecem o peso da tradição da ludicidade e das correlações do lúdico com a vida escolar da criança.

São poucas as informações de como elas brincavam no passado e das relações existentes em suas brincadeiras, à vida social e a posição do jogo na vida escolar. Mesmo sendo poucas as informações sobre o lúdico na antiguidade são notáveis vermos a presença dessas atividades em várias sociedades e em culturas que influenciam nossas práticas educativas no que diz respeito ao jogo como influência na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo da criança.

A história do jogo, as concepções da infância, as interações existentes entre o jogo, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança existem desde os tempos mais remotos, podendo ser constatado a presença da ludicidade até mesmo à luz da Bíblia sagrada, quando o profeta Zacarias citava o seguinte texto Bíblico: “As praças da cidade encher-se-ão de jovens e de crianças que brincarão em suas praças”.

Naquela concepção o professor teria a obrigação de controlar a criança: mesmo que seja obrigado a utilizar vara ou chibata para controlar seus impulsos maus e ter consciência da importância da “obediência”; influência essa que sobreviveu até alguns anos atrás, quando invés de chibatas, para manter crianças disciplinadas em sala de aula usava-se à palmatória, caroços de milho, etc.

Partindo da concepção de Agostinho, não precisa ir muito além; pois segundo Almeida (1998), esse período mostrou um disciplinamento e um total controle do corpo, das ideias, dos sentimentos, desde as séries iniciais, anulando completamente o potencial existente no ser, com a interação transformá-lo num corpo dócil, preparado para se atingirem melhores resultados; onde a criança não precisa, nem deve questionar apenas executar e assimilar conhecimentos. Contudo, nesse contexto sobre disciplinas, porém, os professores não podem esquecer que um disciplinamento, crianças sem poder de decisão, sem autocontrole e sem autoconfiança.

Almeida (1998) aponta que até mesmo nas carteiras em sala de aula, atitudes dos alunos em relação às normas administrativas (metodologia do professor, regulamento escolar, conteúdos e livros didáticos), observa-se claramente que a escola tem como objetivo eliminar do corpo da criança os movimentos involuntários, a espontaneidade e a criatividade, permitindo assim apenas às ações voluntárias e o pensamento dirigido, deixando assim a aprendizagem limitada, tornando assim uma aprendizagem monótona, sem corpo, sem criatividade, onde as crianças entram para a sala de aula somente com as mãos e a cabeça, corpo não é necessário, pode ficar “na entrada da classe”. Os conteúdos

são assuntos diferentes daqueles que o aluno vive, sem nenhum significado para ele, sem contribuir em nenhum momento para a formação e realização pessoal e social da criança.

Oliveira (1992) relata que a educação frequentemente cria “antas”, ou seja, seres que não se atrevem a saírem das trilhas aprendidas por medo da onça. De suas trilhas sabem tudo, os mínimos detalhes, são especialistas. Mas o resto da floresta permanece desconhecido.

A função dos jogos na concepção da infância não é vista apenas na Grécia e nas culturas letradas. As relações existentes, entre os jogos e educação são raras na América na época do descobrimento, pois eram comuns também os castigos, punições e dominação total do adulto sobre criança. Diante de um contexto histórico social, onde sabemos que o Brasil foi composto de diversas raças e que as mesmas trouxeram contribuições marcantes para a nossa história e que as mesmas sobrevivem até hoje. Concluí, portanto, que somos depositórios de muitas influências e surgimento de diversos caminhos a respeito dos jogos e sua função educativas. Até mesmo os índios fazem-nos refletir sobre a infância, os jogos e a educação

As influências de diversas culturas trouxeram consequências na incorporação, assimilação e modificação nas ideias a respeito da infância, do jogo e da escola.

Consequentemente há uma grande importância da música, da dança, nesses juízos, matracas são muito desejados pelos índios e eles sentem-se crescer na medida em que catam e dançam. É como se o “lúdico” tão natural neles, constitua elemento de personalidade e de cultura. Portanto no aspecto cultural temos muitas lições para assimilar e refletir no que diz respeito à presença da infância e peso relativo nas atividades lúdicas e a música.

A utilização da música e da ludicidade na educação infantil como caminho para uma aprendizagem mais prazerosa, sugerindo que o trabalho docente possa incorporar conceitos de linguagem de forma lúdica nesse desafio. A musicalidade contribui no desenvolvimento integral do ser, incluindo aspectos culturais, sociais e motores (LIMA, 2012). Dessa maneira, a criança passa a conhecer e valorizar a sua cultura, construindo novas interações e sociabilidades, melhorando sua capacidade motora e seu senso de cooperação. Além dos aspectos destacados, a música abre espaço para a liberdade de expressão de sentimentos e emoções, à medida que amplia repertórios, tornando as aulas mais ricas e divertidas, consequentemente, despertando a audição para a aquisição de saberes.

A fim de contribuir nessa direção, o objetivo deste texto é apontar as possibilidades da música em sala de aula na educação infantil. A apropriação de sons, ritmos e letras, à luz de uma metodologia de concepção construtivista, pode favorecer a prática pedagógica, partindo-se da consciência da alfabetização como uma dinâmica prazerosa e significativa para além das técnicas usuais existentes nos livros e materiais didáticos.

O ensino da escrita e da leitura por meio da música explora a criatividade, a poesia, a inspiração e a sensibilidade das crianças, desde que os professores tenham um bom planejamento para integrar a música em suas aulas, utilizando ritmos, sons, melodias, explorando as diferentes linguagens que podem ganhar corpo no movimento rítmico do pulsar e das expressões das crianças (FARIA, 2001).

MÚSICA E EDUCAÇÃO INFANTIL: AS SONORIDADES A SERVIÇO DO ATO DE LER E ESCREVER

A música se apresenta como uma via de aprendizagem dinâmica, divertida e interativa, através da qual os docentes podem explorar em sala de aula o canto, a dança, as letras das músicas, o que pode despertar o interesse das crianças pela leitura e escrita. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações sentimento expressivo entre o som e o silêncio” (BRASIL, 1998, p. 45). Desta forma, a música constitui-se um rico sistema sensorial de comunicação e expressão.

A musicalização na educação infantil, conforme explica Lima (2012), “[...] faz bem para a autoestima do estudante, já que alimenta a criação”. No entanto, o autor salienta o pouco uso desta estratégia nas escolas, que é adotada apenas como ferramenta de recreação, sem que o seu aspecto educacional seja ressaltado. Nesse sentido, percebemos a importância de pesquisas em torno desta temática, que possam discutir e apresentar as alternativas para o uso didático-pedagógico da música na escola, especialmente nos anos iniciais para favorecer o processo de alfabetização.

Atividades lúdicas com o uso da música são importantes porque desenvolvem a coordenação motora, memória, socialização, fatores que colaboram no processo de

aquisição de leitura e escrita. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) são evidenciadas potencialidades sobre a linguagem musical, como aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano, que constantemente se modifica nessa rede em que se encontra, auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica, desenvolver capacidades, habilidades e competências em música.

Assim, a educação infantil precisa oferecer possibilidades para enriquecer os conhecimentos dos pequenos produzindo aprendizagem contextualizada em sinergia com os saberes culturais. É necessário, portanto, que a escola considere o conhecimento e as expectativas que o aluno traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural, e que possa utilizar essas vivências a fim de contribuir para a humanização de seus alunos, aperfeiçoando seus aspectos cognitivos, intelectuais, sociais e culturais (FERREIRA, 2013, p. 22).

No Art. 29 da LDB, é destacado que a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral das crianças até os cinco anos de idade, limite para a permanência neste nível de ensino, nesse contexto as crianças precisam desenvolver seus aspectos psicológicos, bem como o intelectual, como fica evidenciado. “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

OS DESAFIOS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: ENTRE LER E INTERPRETAR O MUNDO

Alfabetizar crianças implica criar estratégias para ensiná-las a ler e escrever, bem como orientá-las para que saibam interpretar e refletir sobre aquilo que estão escrevendo ou lendo. Para ser alfabetizado, o aluno deve ter autoestima, se apresentar bem emocionalmente, ter autoconfiança e segurança para poder encarar as dificuldades que o processo de alfabetização impõe (LIMA, 1986).

A alfabetização na educação infantil é essencial, afinal, nesse momento as crianças desenvolvem habilidades, conhecimentos e interesses em aspectos baseados no código e no significado da linguagem oral e escrita. Podemos chamar essas habilidades e

interesses de “pré-alfabetização” para destacar seu papel como o início da alfabetização convencional, ela é um processo de aprendizagem que se inicia muito antes da educação formal, quando a criança começa a ter contato com o ambiente e com a linguagem. A alfabetização na educação infantil tem como objetivo principal ensinar a criança a linguagem escrita, a gramática e a leitura, que compreende aprendizagens e descobertas solicitando que os professores desenvolvam estratégias de ensino capazes de auxiliar nesse processo visando a motivação das crianças para o letramento.

A fim de colaborar com a alfabetização, o docente precisa propor atividades lúdicas, cativantes, inspiradoras e estimulantes às crianças, para que assim elas aprendam a ler e escrever de forma prazerosa e o mais naturalmente possível. Por isso, significa um processo dinâmico e contínuo, que não se restringe apenas à leitura e à escrita das palavras e dos textos. É necessário propiciar às crianças atividades desafiadoras e prazerosas, a fim de que elas busquem investir na sua produção pessoal e espontânea, descobrindo e reinventando o mundo a partir de experiências ativas na cultura. O ato de ler começa pela leitura de mundo, conforme nos ensina o educador Paulo Freire.

Os processos de alfabetização e letramento na vida da criança devem ser contínuos e vão além da capacidade do indivíduo de ler, escrever e calcular. Dessa forma, alfabetizar é dar condições para que o sujeito desenvolva em seu aspecto pessoal e para que tenha uma participação ativa na sociedade. O acesso das crianças à educação deve ser prazeroso e promover o desenvolvimento integral das mesmas, fazendo com que a mesma tenha contato com os diversos modos de expressão da linguagem, sendo oral ou escrito, dando ênfase especialmente ao mundo das letras. O acesso ao mundo letrado deve ser explorado desde cedo, de forma natural, no acesso aos livros, propagandas, rótulos, jornais, revistas e demais congêneres, junto aos estímulos da autoestima, autonomia e cidadania, pois estas são as características de seres 20 pertencentes a uma sociedade, e é dever da escola desenvolver todo e qualquer sujeito integralmente. E para que ocorra essa integralidade na formação da criança, é necessária a mediação de um adulto para tal processo, fazendo com que a mesma tenha acesso aos conhecimentos, e que assim desenvolva os seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, sendo complementados com a ação da família e da comunidade. Será a partir da linguagem que esses processos serão otimizados, segundo Vygotsky (1989), a linguagem é o fator determinante dos pensamentos e o principal mediador entre o sujeito e o objeto. Deve-se ofertar às crianças, o acesso a uma rede de informações cada vez maior, e esses dados são necessários para o

pleno desenvolvimento de cada sujeito. O ideal é priorizar o contato com o mundo letrado e a função social da escrita, tirando a mesma da abstração, assim a educação da mesma será concreta e significativa.

Na década de 70 não havia ainda nenhuma percepção de que a criança já poderia se apropriar da escrita ou entender o mundo das letras por outro instrumento que não fosse à escola, a partir de métodos de iniciação, com toda uma preparação para a alfabetização. Primeiro a motricidade, depois as letras isoladamente, a silabação e por fim, o contato com a palavra, frases e textos. Atualmente vivemos uma realidade educacional, quanto ao processo alfabetizador, com outra perspectiva, uma proposta dinâmica e qualitativa. Hoje percebemos que a criança não precisa estar na escola para se manter em contato com a escrita e também existe uma redefinição do que é alfabetizar um sujeito. O processo de Alfabetização não se define pelo simples fato de decodificar símbolos, mas é um processo onde o desenvolvimento cognitivo e também social da criança é levado em consideração. Vygotsky (1989) e Piaget (1993) proporcionaram grandes contribuições para os estudos do desenvolvimento humano e nos trouxeram a perspectiva de que o sujeito faz parte desse processo de aprendizagem e que a mesma se dá pela interação do sujeito com o meio e que a partir desse conceito existem etapas e procedimentos, que levam a criança a se perceber nesses processos, só então elas significam e ressignificam tudo que lhes é apresentado ao seu próprio modo. A todo o momento estamos conectados com o mundo das letras e isso também ocorre com as crianças, na escola, em sua rua, no supermercado, em casa, por meio de cartazes, um letreiro, na televisão e nas redes sociais. Desse modo, é necessário introduzir a criança no processo de alfabetização cada vez mais cedo e de forma que a mesma se perceba e compreenda a funcionalidade do sistema de escrita que funciona em nossa sociedade. Tendo o cuidado de não trabalhar apenas com códigos e símbolos isoladamente, mas utilizando a perspectiva do letramento em sua alfabetização. Faz-se necessário que as crianças percebam a função social da leitura e da escrita, e que esse aprendizado contribua para a sua vida, como podem usá-los cotidianamente. Ao pensar a função social da leitura e escrita, é ideal que as práticas de reprodução, memorização, aprendizado de letras isoladas e os exercícios repetitivos sejam utilizados em escalas cada vez menores, e que nossos alunos se percebam nesse processo e dialoguem com o seu sistema de comunicação, o sintam e compreendam.

Freire (1989, p. 7) explica que “[...] aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa

manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Desse modo, a alfabetização auxilia o estudante a interpretar as letras, o texto e também o contexto. Jung (2018) complementa o pensamento freireano ao indicar que a leitura também é um exercício de autonomia, entendida pela autora como “[...] forma de crescimento humano, desenvolvimento das potencialidades de pessoas e grupos, que levem à sustentabilidade social, num processo de ser e estar no mundo de forma harmoniosa com o universo.

Nessas perspectivas, entendemos que é essencial que a alfabetização seja realizada considerando uma leitura crítica, e não somente uma leitura instrumental e mecânica. Dessa maneira, a criticidade é imprescindível ao crescimento humano e ao desenvolvimento das potencialidades de pessoas e grupos, de modo que: “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1989, p. 9). O autor considera a leitura uma forma de escrever ou reescrever o mundo para assim ser possível transformá-lo. Assim, o conhecimento da leitura envolve o conhecimento cultural, para que as crianças aprendam sobre o seu lugar de pertencimento, as suas origens, a sua cultura para que o ato de ler se desenvolva a partir desses conhecimentos de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, buscou no plano teórico, analisar, discutir e refletir sobre o uso da música de forma lúdica, as formas de aprendizagem facilitando o processo de alfabetização na Educação Infantil. A partir da bibliografia levantada, podemos afirmar, que há um consenso estabelecido em torno do reconhecimento de que a educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de competências e habilidades que serão essenciais para um desenrolar satisfatório do processo de alfabetização.

Inserindo-se no universo da ludicidade, a dinâmica e atratividade propiciadas pela música favorecem o ato de ler, construindo uma relação cultural entre o texto e o contexto, sobretudo quando são incluídos ritmos e canções regionais inerentes ao cotidiano das crianças. Nesse sentido, trata-se de um excelente recurso para práticas de leitura e escrita permitindo importantes estímulos cognitivos no processo educativo.

Concluimos também que a educação infantil promove a interação social, a imaginação, a criatividade e a capacidade de expressão das crianças, aspectos estes que têm impacto direto no processo de alfabetização.

A musicalidade vai além da motivação em sala de aula abrindo oportunidades que favorecem o desenvolvimento pleno da criança. Desse modo, ao inserir a música e a ludicidade na prática diária do ambiente escolar, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita pode colaborar no processo de construção de si e de reconhecimento do outro, no mundo cultural em que a criança vive. Além dos aspectos discutidos, a música e a ludicidade na escola podem contribuir no equilíbrio entre corpo e mente, oportunizando uma aprendizagem do mundo social de forma integral e participativa.

Estudos também destacam a importância da educação infantil na promoção do desenvolvimento da linguagem oral, que é uma base fundamental para a alfabetização. Durante essa fase, as crianças têm a oportunidade de ampliar seu vocabulário, desenvolver a capacidade de expressão verbal e aprimorar a compreensão auditiva, habilidades que são essenciais para a compreensão e produção da leitura e escrita

Podemos, enfim, destacar, além dos benefícios cognitivos e linguísticos que a educação infantil proporciona, também o desenvolvimento socioemocional das crianças, promovendo a construção de habilidades sociais, como cooperação, respeito, empatia e autocontrole. Tais habilidades serão fundamentais para o processo de alfabetização, pois permitem que as crianças se envolvam em atividades de aprendizagem colaborativas e desenvolvam uma postura positiva em relação à leitura e escrita.

As crianças em fase de alfabetização podem ler e escrever letras musicais, aproximando as canções de sua realidade de uma maneira espontânea, feliz e divertida. Portanto, alfabetizar com músicas auxilia a desenvolver a criatividade, a percepção, a imaginação, a expressividade, a memória, a socialização, a coordenação motora, favorecendo, ainda, a compreensão da sonoridade, os sentidos estéticos e rítmicos, a acuidade auditiva e a disciplina ativando o raciocínio e a criatividade. Dessa forma, é possível aprender a ler e escrever com canções cantadas, lidas e/ou recriadas, nas quais podem ser trabalhados a mente, o corpo e as emoções em situações de aprendizagem prazerosa para a leitura do mundo.

Em razão do exposto, o desenvolvimento afetivo da criança é colocado em perspectiva, à medida que um desempenho escolar satisfatório pode ser alcançado integrando socialmente os pequenos aprendentes. Assim, a música funciona como ponte pedagógica significativa entre a linguagem corporal, verbal, cultural, oral e escrita

permitindo que os profissionais docentes ressignifiquem a educação infantil em tons mais alegres nas fases iniciais.

Em suma, a educação infantil desempenha um papel fundamental e indispensável no processo de alfabetização, oferecendo às crianças as bases necessárias para a aquisição da leitura e escrita. Por meio de estímulos adequados, interações sociais e atividades lúdicas, a educação infantil prepara as crianças para enfrentar os desafios da alfabetização de forma bem-sucedida, promovendo um desenvolvimento integral e possibilitando uma trajetória educacional mais sólida e proveitosa.

REFERÊNCIA

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade, brincante. **Vamos brincar de brincadeira** in: coletânea de textos didáticos. EUPB – Campina Grande 2002 V.5.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação Lúdica, técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola 1998.

BRASIL. Constituição (1998). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1998. Senado Federal, 1998.

FARIA, M. N. A música, fator importante na aprendizagem. Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f.

FREIRE, P. A importância de aprender a ler: em três artigos que se completam. 23ª edição. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FERREIRA, Maria Tomaz da Silva. A importância da música na educação infantil. João Pessoa: UFPB, 2013.

FREINET, Célestin. Pedagogia do bom senso. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

LIMA, A. F. S. O. Pré-Escola e Alfabetização, 2012.

LIMA, A. F. S. O. Pré-Escola e Alfabetização (Uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget). Petrópolis: VOZES, 1986.

OLIVEIRA, Ana Paula Gomes de; LOPES, Yan Karen Silva; OLIVEIRA, Bárbara Pimenta de. A importância da música na educação infantil. REVISTA EDUCAÇÃO & ENSINO. Fortaleza, v. 4, n. 1, jan./jun. 2020.

OLIVEIRA, Vera Barros. **O símbolo e o brinquedo: a representação da vida**. Petrópolis: vozes 1992.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Nº 9.394/1996. Brasília: Diário Oficial da União, 20 dez. 1996.

PIAGET, Jean. A evolução intelectual da adolescência à vida adulta. Trad. Fernando Becker e Tania B.I. Marques. Porto Alegre: Faculdade de Educação, 1993.

VYGOTSKY. L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989

